

A PESQUISA COMO INSTRUMENTO PROMOTOR DA AUTONOMIA

José Roberto da Silva Júnior

Maria Adenilsa Batista Ferreira

Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU

robertojuniorgnose@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a analogia entre o conceito de autonomia de Paulo Freire (2015) e a perspectiva da pesquisa científica como instrumento de formação pedagógica, que diz respeito à reflexão seguida de compreensão e transformação. Através de análise bibliográfica apresenta-se a educação libertadora como uma possibilidade que facilita o desenvolvimento autônomo do ser, promovendo uma prática educativa que liberte o indivíduo levando-o ao alcance da consciência crítico/emancipatória, que estimula a ação contra hegemônica e criadora de uma nova realidade. Chegou-se às seguintes considerações: É necessária a luta por uma educação promotora da consciência crítica; a relação ensino-aprendizagem deve ser dialógica; a educação libertadora promove compreensão seguida de uma ação transformadora; a pesquisa possibilita autonomia na construção de conhecimento; o novo modelo de educação exige mais que uma boa fundamentação teórica por parte do docente, se torna necessário que este profissional seja capaz de produzir novas ideias e conhecimentos.

Palavras-chave: Autonomia; Educação Libertadora; Formação Docente; Pesquisa Científica.

INTRODUÇÃO

Atualmente a pesquisa científica tem se destacado nas matrizes curriculares das instituições de ensino superior evidenciando desta maneira a sua importância para a formação profissional. A realização de investigação científica exige particularidades, tais como: a criatividade, a inovação, a capacidade de problematizar a realidade, a descoberta. É através da busca por novas respostas que o professor pesquisador elabora e constrói saberes por si próprio, por isso a pesquisa tem seu papel de emancipação pessoal, ou seja, auxilia o professor a desenvolver sua própria construção pessoal que traz benefícios para o coletivo, através desta é desenvolvida a consciência crítico-reflexiva de sua prática. A pesquisa possibilita um trabalho docente que produz respeito aos saberes do educando. Uma das principais características do profissional da área de Pedagogia enquanto professor é o exercício da pesquisa científica no que se diz respeito aos processos nos quais a sua prática docente está envolvida.

A prática pedagógica nas escolas exige um corpo docente capaz de encontrar novos caminhos que promova uma “educação libertadora”. A relação ensino-aprendizagem deve ser

promotora do diálogo, criando o ambiente em que a pesquisa e o desenvolvimento emancipatório do ser sejam destaque, que estude a realidade dos educandos para que a transposição didática aconteça de forma eficaz. Além de evidenciar os benefícios da pesquisa para a formação do professor como pesquisador, esta pesquisa poderá provocar uma prática educativa promotora da autonomia, que acredite na capacidade do educando em pesquisar e aplicar métodos que auxiliem na busca por soluções para os problemas de seu contexto social, promovendo desta forma um ambiente onde o ensino aconteça de forma dinâmica e contextualizada.

Objetiva-se analisar a pesquisa tanto como instrumento promotor da autonomia profissional dos professores como para o desenvolvimento do pensamento autônomo do educando, em que o mesmo buscará por meio dela sua emancipação, ou seja, adquira a capacidade de defender seu ponto de vista de forma argumentativa. Para isso, é importante verificar se os estudantes entrevistados concordam que a pesquisa científica possui este caráter de desenvolvimento profissional, é imprescindível detectar se os que atuam como docentes se utilizam da pesquisa em sala de aula com a finalidade de estimular a autonomia dos educandos.

METODOLOGIA

Para responder a proposta, foi realizado um trabalho de levantamento bibliográfico, interpretação e análise crítica dos livros, sites e revistas consultados. Esta pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório, efetivada por meio de elaboração e aplicação de um questionário dirigido a estudantes do 8º período do curso de Pedagogia da universidade que funcionou como campo de pesquisa para que esses e outros possíveis questionamentos pudessem ser respondidos. Buscou-se, não somente identificar qual o senso comum dos estudantes concluintes do curso de Pedagogia sobre a importância da pesquisa para a sua formação profissional, como também sobre a necessidade do estímulo a pesquisa em sala de aula.

A PRÁTICA DOCENTE PROMOTORA DA AUTONOMIA

Segundo Freire (2015) a autonomia é o princípio pedagógico promotor da educação libertadora, pois proporciona o desenvolvimento da subjetividade do educando, fazendo com que ele tenha sua própria concepção e leitura de mundo, habilitando-o à luta por uma verdadeira cidadania. Através da consciência crítica promovida pela educação libertadora, o educando se percebe como o sujeito responsável pela sua própria história, condição social individual, e, conseqüentemente, coletiva. A educação promotora da autonomia deve esclarecer que o educar

precisa ser acompanhado pelo estímulo ao diálogo, e esta relação de interlocução pressupõe uma aprendizagem cooperativa que é responsável pela transformação social, algo que se faz possível através da autonomia, que gera no educando de forma contextualizada, a verdadeira consciência crítico/emancipatória. O sonho utópico descrito por Freire (1987) como sendo a busca por uma sociedade que luta contra a injustiça social e a exploração sofrida pela classe dominada, se torna possível por meio do que ele chama de “o inédito-viável” (uma coisa que ainda não aconteceu e que não é claramente conhecida, mas é sonhada e pode acontecer). Este é o grande responsável pela esperança que nos move em busca por mudanças significativas na maneira de se enxergar a relação ensino-aprendizagem.

Em Freire (1981) a consciência crítica promovida por uma “educação libertadora” deve esclarecer questões da realidade na qual o educando está inserido, possibilitando sua interação através da pesquisa, conjugando as diversas áreas do conhecimento para que tenham uma compreensão global e local de mundo superando a visão ingênua a respeito do mesmo. Então, se pode concordar com Morin (2001, p. 33) quando ele diz que “uma educação para uma cabeça bem-feita, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida cotidiana, social, política, nacional e mundial”.

Segundo Libâneo (2009) o conhecimento não se transmite aos alunos, é adquirido por eles através da “atividade cognitiva autônoma” que é desenvolvida em um contexto problematizado pelo professor. O autor ainda afirma que é através da mesma que:

Os alunos aprendem a trabalhar com conceitos e a manusear dados, a fazer escolhas, a submeter um problema a alguma teoria existente, a dominar métodos de observação e análise, a confrontar de pontos de vista. Além disso, possibilita uma relação ativa com os conteúdos e com a realidade que pretendem dar conta, ajudando na motivação dos alunos para o aprender. (LIBÂNEO, 2009, p. 29)

É necessário que os alunos aprendam pesquisando, desta forma se apropriam de novos conhecimentos, pois a utilização da pesquisa aliada ao ensino proporciona uma prática pedagógica promotora da criticidade. O ensino acompanhado da pesquisa proporciona um ambiente

problematizado, onde por meio da investigação passa a existir um diálogo entre o que é ensinado na sala de aula e os problemas da comunidade na qual os educandos estão inseridos.

A PESQUISA CIENTÍFICA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

O curso de licenciatura em Pedagogia está voltado para a formação de profissionais para atuarem como professores nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação infantil; como administradores, supervisores, assessores pedagógicos e educacionais em instituições escolares dos diferentes graus de ensino; na Formação e Treinamento de Recursos Humanos, em instituições não escolares (como sindicatos, empresas, etc.); ou ainda em clínicas especializadas em Educação Especial. Embora o ato docente seja uma prática pedagógica, a Pedagogia não é necessariamente resumo dele. Segundo Libâneo (2010) se faz importante entender que o ensinar é uma das principais atividades do pedagogo, mas a pedagogia não se limita apenas a prática docente, isso fica evidenciado quando ele analisa que é necessário:

[...] formalizar uma distinção entre trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas) e trabalho docente (forma peculiar que o trabalho pedagógico assume na sala de aula), separando portanto, curso de Pedagogia (de estudos pedagógicos) e cursos de licenciatura (para formar professores do ensino fundamental e médio). Caberia, também, entender que todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente (LIBÂNEO, 2010, p. 39).

Na mesma medida em que ensina, seria interessante que o pedagogo também elaborasse pesquisas. Desta forma o pedagogo exerce seu ofício como educador e pesquisador. Ao pesquisar o entorno de sua prática conhece e problematiza a realidade do educando estimulando o mesmo na busca por respostas as suas próprias indagações, desenvolvendo nele a autonomia de seus pensamentos.

Existem muitos equívocos sobre o papel da pesquisa científica, pois diferente do que muitos pensam, ela visa promover uma melhor compreensão da realidade. O conhecimento científico não é contra os saberes de senso comum (da experiência). A diferença entre os saberes da experiência e os científicos se encontra na forma com que o conhecimento é produzido. Segundo Bortolini (2009, p. 15) os saberes científicos são:

[...] frutos de ação metódica, rigorosa, precisa, em torno de objeto delimitado e que alcança resultados seguros. Mas alguns campos da experiência escapam a esse tratamento mais rigoroso ou convencional e são alvo de interpretação mais subjetiva, imediata, cotidiana, mas não menos eficaz. (BORTOLINI, 2009, p. 15)

Segundo Veiga (2014) a qualificação conceitual da docência é uma tarefa que envolve formação pedagógica, e esta se torna viável por meio da investigação, compreensão e interpretação, elementos presentes no processo de formação contínua. A pesquisa científica propõe conhecimentos específicos fundamentados na relação teórica e prática da profissão docente. Sobre os resultados da formação pedagógica promovida pela pesquisa, Veiga (2014, p. 330) diz que “formação é um processo permanente”. Neste aspecto pode-se afirmar que a formação assume um papel emancipatório, pois contextualiza o profissional da educação, apresentando caminhos que auxiliam na superação de alguns desafios do cotidiano.

A práxis pedagógica exige preparo teórico e prático, fica evidenciada a necessidade do educador ter uma prática norteada por uma investigação constante. Através do conhecimento adquirido por meio da pesquisa é que o desenvolvimento de uma das importantes tarefas das que são confiadas ao docente se torna possível, que é se utilizar daquilo que Freire (2015) chama de “curiosidade ingênua” (curiosidade sem a intenção de encontrar respostas cientificamente corretas para suas dúvidas) do educando, com o intuito de produzir nele a consciência crítica, para que o mesmo adquira o que se conhece como “curiosidade epistemológica” (curiosidade que tem a intenção de encontrar respostas científicas por intermédio da pesquisa). Diante da constante necessidade de reconfiguração dos processos educativos, o professor deve buscar uma formação baseada na reflexão e pesquisa, algo que possibilite a luta pela valorização e autonomia profissional.

A má-formação de educadores no que tange o campo das pesquisas é um dos grandes responsáveis pelos equívocos que surgem no desenvolvimento destes profissionais, pois não é possível realizar satisfatoriamente alguns procedimentos sem conhecer a realidade do educando ou daquilo que é ensinado, algo que só se torna concreto através da pesquisa. Gandin (2014) reflete sobre esta adversidade quando afirma que é comum encontrar entre os educadores, o pensamento de que conhecem toda a realidade que cerca a atividade docente que desenvolvem, negligenciando a necessidade da investigação científica. O educador que pesquisa produzirá uma prática que influencia os alunos na busca pelas respostas de suas próprias dúvidas. Desenvolve neles a

conquista da autonomia no campo de seus pensamentos, fomentando a capacidade de criar novas realidades. Neste contexto, cabe citar o trabalho de Freire (2015) em que destaca:

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita de ingenuidade para o que venho chamando de curiosidade “epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 2015, p. 31).

O professor que busca, através de pesquisas, por novas maneiras de se realizar a prática pedagógica e de exercer a docência estimula os educandos a terem mais vontade de conhecer o contexto que os cerca, a terem sede por novas respostas que resultam, conseqüentemente, em uma nova maneira de refletir o seu papel social, político e histórico. Cortella (2014, p. 65) estabelece que "cabe ao docente presencial ou virtual estimular o desenvolvimento da autonomia dos alunos na construção do conhecimento a partir das informações partilhadas".

Segundo Moreira (2008) a necessidade de haver um corpo docente crítico não mora no fato de que as soluções dos problemas mais graves que afetam a escola estejam apenas sobre a responsabilidade da formação destes profissionais, isso seria um engano, pois a origem da maior parte destas dificuldades está na sociedade que cerca o desenvolvimento do processo de escolarização.

Diante da consciência de que várias das grandes problemáticas envolvendo o desempenho da escola como instituição responsável pela educação formal são de responsabilidade democrática, deve-se buscar uma metodologia que promova o diálogo entre docência e discência acerca da necessidade de busca pela mudança através da pesquisa e investigação dos fatos, evidenciando a responsabilidade política de cada um neste processo. Segundo Freire (1981) é preciso acreditar na capacidade do discente em discutir e buscar as respectivas soluções para os problemas que cercam o seu desenvolvimento pessoal, isso fica evidente quando ele reconhece que:

A nossa cultura fixada na palavra corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa, que, por sua vez, estão intimamente ligados à criticidade, nota fundamental da mentalidade democrática. Por outro lado, somente de algum tempo para cá, se vinha sentindo a preocupação em nos fazermos identificados com nossa realidade, em caráter sistemático. Era o clima da transição. Daí a nossa insistência no aproveitamento deste clima. E, a partir dele, tentamos o esvaziamento de nossa educação de suas manifestações ostensivamente palavrescas. A superação de posições reveladoras de descrença no educando. Descrença no seu poder de fazer, de trabalhar, de discutir. Ora a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas. Os problemas de seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia (FREIRE, 1981, p. 96).

O âmbito educacional de nível básico junto ao de nível superior necessita buscar a promoção da consciência crítica e da autonomia dos alunos. A maneira de se observar o conhecimento precisa ser repensada. É indispensável que os educandos sejam estimulados na construção de seu próprio caminho, pois é necessário aprender a aprender, algo que acontece através da pesquisa. Mas é preciso ter cuidado, pois a investigação em sala de aula não pode acontecer sem um planejamento. O professor deve ter um objetivo geral a ser alcançado, por isso ele tem que buscar deixá-lo claro, antes que peça para a turma fazer determinada pesquisa. Bagno (2004, p. 22) aconselha que “antes de pedir à classe que faça uma pesquisa, o professor tem que estar plenamente consciente da seriedade que envolve este tipo de trabalho”.

Diante de uma realidade educativa que muda constantemente, o professor tem que conquistar a atenção do aluno, tornando a aula mais interessante do que as tecnologias que o cerca, e conseqüentemente, o papel do professor passa a ser a de mediador e não portador do conhecimento. Demo (2001) declara que:

Torna-se premente assumir, definitivamente, que a melhor maneira de aprender não é escutar aula, mas pesquisar e elaborar com mão própria, sob orientação do professor. Não é mister combater a aula, mas esta mantém apenas a função de promover pesquisa e elaboração própria. Mesmo em se tratando de alunos que fazem curso à noite e já chegam cansados, aproveitam muito melhor seu tempo se não permanecerem apenas receptivos tomando nota e fazendo prova. A maior parte de seu tempo teria de ser utilizada para atividades tipicamente reconstrutivas, nas quais sob orientação do professor, constroem sua autonomia, manejam os métodos científicos e passam a lidar com conteúdos com criatividade. (DEMO, 2001, p.86).

A educação tem de cumprir seu papel de promotora da autonomia efetivada e preservada em todos os níveis de seu desenvolvimento, e reconhecer que é necessário estimular a investigação dos

fatos em todos os níveis de educação formal, principalmente no ambiente acadêmico. Comungamos com o pensamento de Bagno (2004, p. 20) quando ele enfatiza que “a universidade não pode ser apenas um “depósito” do conhecimento acumulado ao longo dos séculos. Ela tem de ser também uma fábrica de conhecimento novo. E esse conhecimento novo só se consegue... pesquisando”.

Educador e educando estão intimamente ligados neste processo em que ambos se educam, pois aquele que ensina, ensina aprendendo e, na mesma medida, quem aprende, aprende ensinando. Segundo Bagno (2004) a investigação não tem por objetivo entreter os educandos e lhes “dar nota”, mas existe para que os mesmos façam suas próprias descobertas e adquiram conhecimento específico e estruturado sobre determinado assunto. Chalita (2001) aponta a necessidade de o professor reconhecer e estimular o desenvolvimento do aluno em sua busca pessoal, evidenciando o fato de que todos (discente e docente) estão envolvidos neste processo educativo:

A educação libertadora tem como meta o desenvolvimento da autonomia, a formação de um educando e de um educador com vontade própria, que tenham luz própria, que sejam um caminhante sem medo do caminhar e sem a necessidade de seguir o caminho feito por terceiros. Não há nada tão belo e tão profundo como o anseio pela liberdade. (CHALITA, 2001, p. 68-69).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia de investigar sobre a pesquisa como instrumento promotor da autonomia em uma determinada instituição de ensino superior privado do município de Caruaru – PE se deu por identificarmos uma turma concluinte do curso de pedagogia noturno após um levantamento na instituição. Para que o objetivo proposto pudesse ser atingido, além de visitas à universidade pesquisada, foi elaborado um questionário com perguntas abertas e fechadas, a ser aplicado com os estudantes concluintes do curso de pedagogia, por meio do qual foram coletadas informações que permitiram que um perfil fosse traçado. Após levantamento de dados, foram distribuídos “vários” questionários ao público-alvo e obteve-se, como retorno, apenas 10, um número pequeno haja vista o pouco comprometimento e participação e a impossibilidade de entrarem todos na estatística final.

Das questões propostas no questionário, três eram abertas. Eram elas: 1 – O que é pesquisa científica? 2 – Qual a importância da pesquisa para a formação de professores? 3 – Qual a relevância da pesquisa na sala de aula? Apenas uma questão era de múltipla escolha: 8 – Qual destes trabalhos acadêmicos você já produziu?

ANÁLISE DE DADOS

Foram pesquisados 10 estudantes concluintes do curso de pedagogia convidados a participar da pesquisa de livre e espontânea vontade. As perguntas se dirigiam especificamente ao público pensado anteriormente, ou seja, estudantes concluintes do curso de pedagogia. Em relação às respostas dos pesquisados, todos num total de 10 concordam que a pesquisa científica é um instrumento indispensável tanto para a formação docente como para a formação do discente da educação básica.

Quanto à frequência em que promovem a pesquisa em sala de aula, 3 afirmam que promovem pesquisa em sala de aula frequentemente, 6 responderam que ainda não ministravam aula, apenas 1 não respondeu a essa questão, deixando a resposta em branco. Quanto à necessidade de o aluno entender o propósito da pesquisa realizada em sala de aula, todos num total de 10 concordam que seja importante. Em relação à frequência com que se dedicam a produção de pesquisas, 4 responderam que se dedicam, 5 responderam que às vezes, apenas 1 assumiu não se dedicar. Quando questionados sobre qual a experiência de produção textual científica que tiveram durante o período de formação, 8 responderam que haviam produzido pelo menos 1 pré-projeto, 6 responderam que produziram pelo menos 1 artigo científico, e apenas 2 responderam que produziram pelo menos 1 resumo expandido. 8 responderam que a maior dificuldade na elaboração de estudos científicos é seguir as normas da ABNT, 1 respondeu que sua dificuldade para desenvolver trabalhos acadêmicos era devido a falta de apoio por parte de seus professores, apenas 1 não respondeu. Quanto aos planos de continuar produzindo pesquisas científicas mesmo depois da conclusão de sua graduação, 9 responderam que pretendem continuar produzindo pesquisas científicas, apenas 1 não respondeu. Vale ressaltar que uma dessas questões possibilita a escolha de múltiplas respostas.

Quanto à observação das respostas abertas, evidenciou-se que os alunos concluintes do curso de pedagogia possuem um conceito incompleto sobre pesquisa, mas apesar disso apresentam interesse pela área. Reconhecem que a pesquisa promovida em sala de aula é de extrema importância para que os educandos se apropriem de suas próprias descobertas e construam novos conhecimentos que estejam presentes na realidade que está ao seu entorno.

Considerando-se a importância da pesquisa em sala de aula, poderia ser frequentemente promovida com fins pedagógicos que tenham como objetivo principal o estímulo a autonomia e a

apropriação de um verdadeiro senso crítico que seja capaz de produzir transformação sócio, política, e economicamente falando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise proposta, é verificado que os alunos concluintes do curso de pedagogia tiveram poucas experiências com a produção de trabalhos científicos. Foi detectada também certa “indefinição” a respeito do que seja pesquisa científica e como ela pode ser utilizada tanto na formação de professores como nos anos iniciais da educação básica. Ficou evidente que o assunto da pesquisa científica é pouco discutido no ambiente acadêmico, e que seu caráter promotor da autonomia é ignorado. Alguns estudantes de pedagogia que atuam em sala de aula como professores até utilizam a pesquisa, mas não agregam valores pedagógicos ao trabalho. Quase sempre este momento de pesquisa, que deveria visar o estímulo a investigação, se restringe a breves buscas elaboradas sem nenhum planejamento pedagógico. Diante desse fato, o atual trabalho buscou apresentar uma prática pedagógica carregada de conhecimentos específicos e práticos, além de promover uma relação ensino-aprendizagem que liberte o oprimido, contextualize-o mostrando que o educando é o único responsável pela transformação da sua realidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz.** 18^a ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BORTOLINI, Maria Regina. **A pesquisa na formação de professores: experiências e representações.** 2009. 197f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. **Educação: a solução está no afeto.** 1^a ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3^a ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Saber pensar.** 1^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 12^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 51^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDIN, Danilo. **Planejamento: como prática educativa**. 21ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Conteúdos, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação**. Disponível em: <http://www.prpg.usp.br/attachments/article/640/Caderno_11_PAE.pdf>. Acesso em: 30 de Setembro de 2017.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate**. In: ALVES, Nilda. **Formação de professores: pensar e fazer**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Formação de professores para a educação superior e a diversidade da docência**. In: *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v.14, n.42, p. 327-342, maio/agosto. 2014.